

Métodos Biográficos para a Pesquisa em Administração: Potencialidades, Práticas e Desafios

FABIANA PIMENTEL SANTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

EDUARDO PAES BARRETO DAVEL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

Métodos Biográficos para a Pesquisa em Administração: Potencialidades, Práticas e Desafios

Introdução

Os métodos biográficos são um campo repleto de teorias, conceitos e nomenclaturas oriundos de diferentes disciplinas: Antropologia, Sociologia, Psicologia, História, Medicina, Educação, Filosofia, Religião, Ciência Política, Literatura (ROULEAU, 2015; CUNHA et al., 2017; ATIKNSON, 2012). Biografia, história de vida (LAMBRIGHT; QUINN, 2011), história de vida coletiva (LIEBLICH, 2013), autobiografia (WATSON, 2009), narrativa de prática (ROULEAU, 2015), história oral (ALBERTI, 2005; FERREIRA; AMADO, 2009), história pessoal, auto narrativas, biografia histórica, método biográfico narrativo interpretativo, método narrativo (RIESSMAN, 2008) são apenas algumas das nomenclaturas do método biográfico com as quais o pesquisador se depara ao se propor a adotá-los, seja como opção metodológica exclusiva, seja como opção conjugada a outras abordagens de pesquisa qualitativa.

Dentro desta diversidade, o ponto focal do método biográfico reside na valorização do sujeito ao priorizar-se os princípios da oralidade como meio para a compreensão de fenômenos e situações a partir da narração de uma trama de acontecimentos vivenciados no passado da pessoa pesquisada. Assim, este método baseia-se no estudo dos acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, momentos, à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram por meio do acesso a vivências, memórias e experiências relatadas (CAPPELLE et al., 2010). Ao destacar a voz do entrevistado como contador de história vivida, o método biográfico enfatiza os fluxos entre o indivíduo (subjetividade, identidade) e o contexto (histórico, social, organizacional, laboral, familiar, etc.), sendo útil em pesquisas onde esta relação é preponderante.

No campo da Administração, ainda que de forma reduzida, dispersa e fragmentada, a utilização do método biográfico aparece tanto em pesquisas teóricas (CZARNIAWSKA, 2002; HATCH, 1996; MAITLIS, 2012; TSOUKAS; HATCH, 2001; COLOMBY et al., 2016; ICHIKAWA; SANTOS, 2003) quanto em pesquisas empíricas (CUNHA et al., 2017; FÉRMEUX; PAVAGEAU, 2020; WATSON, 2009; ROULEAU, 2015; ROLEAU; BALOGUN, 2011). Suas características favorecem o estudo de temas como estratégia, gestão de carreiras, identidade, liderança, tomada de decisão, mudança organizacional, dentre outros. A reduzida integração de conhecimentos sobre a sua aplicação pode justificar: (a) uma insipiente adoção do método biográfico pelos pesquisadores em Administração e (b) uma fraca robustez dos conhecimentos desenvolvidos pelas raras pesquisas que o adotam.

O objetivo deste artigo é integrar contribuições de vários campos disciplinares – incluindo a Administração – para gerar um conhecimento consolidado sobre as potencialidades, práticas e desafios do método biográfico. O estudo tem caráter teórico e foi realizado a partir de uma revisão sistemática de produções acadêmicas publicadas nas bases de dados nacionais e internacionais (SPELL, SCIELO, Sage Publications, Routledge, Periódicos CAPES, Library of Congress, Emerald, Academy of Management). As palavras-chaves pesquisadas foram: método biográfico, história de vida, biografia, história oral, biographical method, life story, biograph e oral history. A partir de uma primeira etapa de seleção (produções consistentes e coerentes, tratando de biografia como método) e análise desse material, foram mapeadas suas referências bibliográficas na busca de outras produções relevantes. O processo de revisão ocorreu dentro de uma dinâmica de bola de neve, que chegou a um fim quando nenhuma referência emergia como nova e relevante. A análise desse material obtido conduziu a elaboração de conhecimento voltado para um conjunto de princípios (narrativa, oralidade, holismo, construtivismo, relevância contextual, caráter situacional, ênfase relacional, potencial autorreflexivo e sensibilidade a contradições), potencialidades (valorização à relação entre

indivíduo e contexto, reflexividade na pesquisa e acesso informações complexas), práticas (âmbitos, interação com o material empírico e processo de análise) e desafios (teorizar, focar e postura ética) sobre o método biográfico.

1. Princípios e potencialidades do método biográfico

Os princípios centrais que sustentam o método biográfico são: **a narrativa, a oralidade, o holismo, o construtivismo, a relevância contextual, o caráter situacional, a ênfase relacional, o potencial autorreflexivo e a sensibilidade a contradições.**

Princípio da narrativa. O método biográfico se apoia em experiências que podem ser convertidas em narrativas. O ato de contar e ouvir histórias é indissociável da experiência humana. A narrativa ganha características, suportes e funções cada vez mais elaborados ao longo dos tempos e espaços (e.g. mitos, lendas, fábulas, contos, romances, causos, fofocas, relatos históricos, pinturas, cinema, teatro, ópera, quadrinhos, fotos ou pinturas). A produção e decodificação de narrativas articulam memória e imaginação, faculdades humanas essenciais para a compreensão do mundo e para conectar a dimensão individual à dimensão coletiva e vice-versa.

Contando uma história o narrador conecta eventos em uma dada sequência, envolvendo personagens específicos e particularidades de um dado cenário (RIESSMAN, 2008). São um sequenciamento de ações (o que), executadas por alguém (quem), em um determinado lugar ou contexto (onde), durante um dado espaço de tempo (quando). Ação e temporalidade são, portanto, elementos básicos e estão imbricados por meios da sequencialidade ou encadeamento, ideias fundamentais para a compreensão deste conceito. Entretanto, esta temporalidade pode partir tanto de uma concepção ocidental, tributária das proposições aristotélicas (começo, desenvolvimento e desfecho), quanto de uma concepção oriental, na qual a experiência temporal é mais circular, sobreposta ou não linear. Narrativas são modos de conhecimento e de comunicação (CZARNIAWSKA, 2004) que podem tanto ter como ênfase as ações e seus impactos, quanto as emoções (CUNHA et al., 2017).

As histórias são construídas para dotar a experiência humana de sentido; são uma forma de organização da experiência humana (MUSSON, 1998). Narrar e organizar são conceitos intrinsecamente ligados; uma das relevâncias do uso do método biográfico no estudo das organizações. A organização pode ser vista como um “sistema coletivo de narrativas”, no qual a atuação narrativa é primordial para a construção de sentido entre seus membros e na correlação entre memorial individual e institucional (BOJE, 1991).

Princípio da oralidade. Embora não seja o único, a entrevista é a principal a técnica de coleta de dados do método biográfico, colocando ênfase na oralidade. A fala, a enunciação das histórias pressupõe práticas como a de uma conversa cotidiana. Nessa conversa, uma história leva a outra, tópicos são mudados repentinamente, memórias são acessadas, correlações são feitas, idas e vindas afetam a cronologia dos fatos, temas aparentemente desconexos são associados, etc. (REISSMAN, 2008). Deste modo, a oralidade do método favorece o acesso a uma riqueza de detalhes, relações contextuais e processos de construção de sentido muito significativas ao estudo de fenômenos complexos e relacionados à subjetividade e à intersubjetividade.

Princípio do holismo. Os métodos biográficos propiciam uma visão holística sobre comportamentos, relacionamentos, pensamentos e emoções. Eles permitem uma visão mais integrada de informações oriundas de múltiplos informantes que possuem lentes variadas e diferentes pontos de vista ao longo do tempo. Assim, demonstram como vários elementos evoluem ao longo do tempo, sofrendo a influência de múltiplos contextos, como o pessoal, familiar, econômico, tecnológico e político (CUNHA et al., 2017).

O princípio do construtivismo. Os métodos biográficos são construtivistas, porque se relacionam com aspectos interpretativos e com a construção de sentido, enfatizando a o que os indivíduos criam a partir de suas experiências. Seu foco não está na precisão factual da história construída, mas no significado que tem para o entrevistado. A história é uma composição de significados interpretados e autorrepresentações (CUNHA et al., 2017). Toda leitura é uma interpretação e toda interpretação é uma associação que amarra o texto interpretado a outros textos, outras vozes (CZARNIAWSKA, 2002). A construção de sentido se apresenta tanto no ato de narrar quanto no ato de interpretar estas narrativas (LEVI, 2009).

O princípio do contexto. Nas biografias, as informações são altamente sensíveis ao contexto, pois as histórias dos indivíduos estão situadas nas circunstâncias de sua vida (CUNHA et al., 2017). A própria raiz sociológica do método biográfico reforça esta característica. A história de vida dos indivíduos é entendida não apenas em termos da sua singularidade e individualidade, mas principalmente por sua relação com o contexto. As narrativas deixam aparentes a relação entre o indivíduo e a sociedade, expondo como, em situações específicas e na perspectiva dos indivíduos e grupos, percepções gerais e modos de pensar são representados e monitorados (ROBERTS, 2002).

O princípio da situação. No método biográfico, os relatos demonstram como as atitudes, emoções e interpretações são dinâmicas e mudam com o passar do tempo (CUNHA et al., 2017), ou seja, dinâmicas sempre situadas. O caráter temporal de uma história dá conta de um momento específico em que ações, emoções e interpretações acerca delas aconteceu. Os relatos podem tanto percorrer o tempo dando conta de transformações ocorridas em seu transcurso, quanto no ato de contar a história novas relações e sentidos podem se apresentar reconfigurando interpretações naquele instante. Este dinamismo relacionado à inerente temporalidade das histórias dota a pesquisa da capacidade de acessar informações processuais sobre, por exemplo, processos de mudança, tomadas de decisão, liderança.

O princípio da relação. Compreender uma história de vida requer do pesquisador colocar as relações humanas no centro do processo. Histórias são testemunhos das relações vivencias por um indivíduo e seus reflexos. Os métodos biográficos retratam a relação ambiente dos indivíduos, as conexões humanas que definem a vida de alguém. Mesmo as narrativas mais pessoais e psicológicas estão em estreita relação com o significado coletivo, como suposições, regras sociais, convenções e similares. Ou seja, a narrativa enquadra as ações dos indivíduos na articulação de um contexto social relacional (CUNHA et al., 2017). Além disso, o próprio ato de contar uma história é um ato relacional, tendo em vista que aquele que narra sua história de vida sempre a narra para alguém. A narrativa está dotada de um caráter intencionalmente comunicativo e heurístico que a transforma em uma interação social completa (BUENO, 2012).

O princípio da autorreflexão. O método biográfico possibilita ao entrevistado refletir sobre sua história à medida que faz seu relato. O ato de narrar sua história situa o entrevistado em uma espécie de divã, o convidando a refletir sobre seu eu interior, seus dilemas e incertezas, motivações, decisões, escolhas a fim de melhor informar sua experiência (CUNHA et al., 2017). Isso dota os métodos biográficos com a capacidade de se acercar a fenômenos complexos que envolvem tomada de decisão e motivações, oferecendo um acesso privilegiado a processos subjetivos. Possibilita também que o processo de pesquisa enriqueça a experiência do entrevistado, devolvendo a este um potencial benefício em se engajar com a pesquisa.

O princípio da sensibilidade à contradição. Devido aos princípios da relação, do contexto e da autorreflexão, os métodos biográficos se tornam sensíveis a contradições, visto que evidenciam a complexidade das experiências vividas e seus paradoxos (CUNHA et al., 2017). Longe de uma trajetória linear e unidirecional, uma história ganha muitas vezes um sentido construído no próprio ato de contação. Esta ilusão biográfica (BOURDIEU, 2009) esconde diversas bifurcações, contradições, conflitos internos e situações paradoxais que

marcam a vida de qualquer indivíduo. Ao expor essa ilusão, os métodos biográficos guardam um potencial muito grande de investigação de motivações subjacentes e dilemas vivenciados em situações de conflito e mudança, expondo não apenas sua resolução, mas também o processo percorrido para tal.

As potencialidades do método biográfico são variadas, apesar de reconhecermos pelos menos três. A primeira potencialidade refere-se à **valorização do indivíduo na construção da história organizacional, mantendo-se sempre seu vínculo com a dimensão coletiva**. A principal potencialidade do método biográfico é valorizar o papel do sujeito na história, possibilitando uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação, da construção de sentidos e das representações de grupos e indivíduos em um dado contexto social. Ao considerarem a **relação entre a dimensão individual e coletiva**, permitem compreender a dimensão subjetiva dos atores sociais e possibilitando que a história de um indivíduo reflita um momento histórico, revelando os valores da sociedade que podem interferir na realidade organizacional (MAGESTE; LOPES, 2007). Nas ciências sociais, os métodos biográficos são reconhecidos por sua capacidade de dar voz às pessoas (por exemplo, imigrantes, agricultores, comerciantes e outros) que geralmente são excluídas da história oficial, via de regra interpretada em favor da interesses das classes dominantes. Deste modo, apresentam um caráter emancipatório por meio recuperação da própria história por parte do pesquisado o que se mostra relevante na construção de identidades e na compreensão de processos antes velados, reprimidos ou automatizados (FRANÇOIS, 2009).

Da mesma maneira, no estudo das organizações, as narrativas permitem dar voz não apenas aos gerentes médios e inferiores, mas também a todos os atores pertencentes aos vários subgrupos dentro da organização ou em torno da organização que geralmente não são considerados nas pesquisas desenvolvidos por meio de outros métodos (DENIS; LANGLEY; ROULEAU, 2010). Isso potencializa o estudo dos fenômenos organizacionais em multinível, nos permitindo melhor entender as práticas e habilidades individuais utilizadas nestes processos, bem como capturar rotinas, eventos, interações e conhecimentos que constituem as práticas dos gestores, alcançando melhor o nível micro organizacional (ROULEAU, 2015).

A segunda potencialidade do método biográfico consiste na **intensificação da reflexividade na pesquisa**. Permite converter o próprio processo de pesquisa em uma ferramenta de construção de sentido (de si e do mundo) por meio do acesso privilegiado às experiências. Colomby et. al (2016) recorrem ao conceito de “experiência da reflexão” em Habermas para destacar a capacidade do método biográfico gerar no entrevistado sentidos para suas próprias vivências em processo de aprendizado. Ao reposicionar a interação pesquisado-pesquisador, o método abre novas portas para a pesquisa, levando em conta que as histórias de vida não são algo fixo. Pelo contrário, seus sentidos se formam na relação entre o indivíduo e seu contexto.

A terceira potencialidade do método biográfico refere-se a **facilitar o acesso a informações complexas, contextualizadas, situadas, sutis e sensíveis**. O método é particularmente adequado para explorar problemas e questões para as quais as informações são de difícil acesso (ROULEAU, 2015). Ao incorporarem a subjetividade e a intersubjetividade como parte inerente do processo de pesquisa, o método biográfico possibilita a investigação dos fenômenos complexos, alcançando dimensões mais sutis, sem reducionismos e sem uma interpretação linear entre causa e efeito (LICEN; CIUHA, 2012). Conseqüentemente, permitem a coleta de informações complexas o que maximiza o tempo e os recursos dos pesquisadores. Ao fomentar a reflexão da vida por meio de narrativas, o método contribui para que o pesquisador alcance uma interpretação complexa das organizações (TSOUKAS; HATCH, 2001), tomando o próprio fenômeno organizacional como uma narrativa por se tratar de uma sucessão de acontecimentos transcorridos em uma dimensão temporal, imersos em um dado

contexto, permeados por relações dinâmicas e paradoxais, que agregam diversas subjetividades e cujo sentido é construído durante e a partir do próprio processo de ação - reflexão no qual se insere também o próprio esforço do pesquisador.

2. Método biográfico como meio de avanço do conhecimento em Administração

Na área da Administração, os métodos biográficos orientam pesquisas com diversas temáticas tais como: estratégia organizacional (ROULEAU; BALOGUN, 2011; ROULEAU, 2015), identidade organizacional (CZARNIAWSKA, 1997), identidade de trabalho (WATSON, 2009), liderança (FRÉMEUX; PAVAGEAU, 2020; CUNHA; LEWIS, 2017), relações de gênero (CAPPELLE et al., 2010), assédio moral (CORRÊA; CARRIERI, 2007) e instituição total (CARVALHO; FISCHER, 2006). Podemos observar que pesquisas que se destacam, não focam exclusivamente em contar a história de alguém como finalidade do estudo. Pesquisas biográficas que constroem contribuições robustas para o avanço do conhecimento em Administração situam as histórias de vida como um meio precioso para realizar essa construção. No intuito de ilustrar essa contribuição do método biográfico nas pesquisas em Administração, selecionamos pesquisas que foram publicadas em revistas reconhecidas pela sua excelência acadêmica e que apresentaram um detalhamento razoável dos procedimentos metodológicos e das contribuições conceituais. Focamos em três campos do conhecimento em Administração: estratégia, identidade e liderança.

2.1 Método biográfico na pesquisa sobre estratégia

No campo das pesquisas sobre estratégia, Roleau e Balogun (2011) baseiam-se nas narrativas de prática: histórias de vida com foco nas experiências profissionais dos entrevistados. O objetivo da pesquisa é entender o papel dos gerentes intermediários na implementação de estratégias de mudança organizacional. Como os gestores intermediários faziam a ponte entre as estratégias definidas pelas instâncias superiores e suas equipes? Os gerentes médios entrevistados foram convidados a narrar sua trajetória profissional com ênfase particular na reestruturação organizacional que acabavam de experimentar, sendo encorajados a reunir ações, crenças e sentidos que os ajudava a dar sentido ao processo que estavam vivenciando. Também foram providos grupos interativos de discussão nos quais os gestores compartilhavam os valores, as atitudes e representações envolvidos no processo.

Nesta pesquisa, quatro histórias foram selecionadas como as mais ricas e representativas: dois gerentes de uma empresa de comunicação e dois gerentes de uma multinacional de engenharia. As pesquisadoras concluíram que duas atividades narrativas foram adotadas pelos gerentes intermediários (em processos de reestruturação organizacional) como forma de praticar as estratégias definidas pela organização e assim engajar e motivar suas equipes. A primeira atividade é a ‘performance da conversa’, que diz respeito a construir um discurso com palavras, símbolos e metáforas, deliberadamente escolhidos para possibilitar a construção de sentido para o processo que estava em curso. A segunda atividade é a ‘montagem da cena’, identificando e atraindo pessoas das equipes que eram capazes de formar uma rede de influência e reverberação para a construção de sentido que estava sendo criada. A principal contribuição do método biográfico na pesquisa de Roleau e Balogun (2011) foi permitir explorar o papel das competências discursivas na construção de sentidos que deem lastro ao processo de mudança organizacional. O uso do método biográfico se mostrou poderoso por possibilitar a compreensão de como processos subjetivos se articulam com a dimensão coletiva dentro de uma organização.

2.2 Método biográfico na pesquisa sobre identidade

Com o propósito de correlacionar narrativa, identidade laboral e construção social, Watson (2009) analisa a autobiografia que Leonard Hilton, gerente sênior em uma empresa de telecomunicações. A autobiografia foi escrita após a aposentadoria para oferecer um legado de memória para seu filho. Apesar da entrevista biográfica ser a via privilegiada de coleta de

informações no método biográfico, outras técnicas de coleta e outras fontes de informações também podem ser acionadas. Watson (2009) justifica a escolha da autobiografia de Hilton como um estudo de caso não por ele ser um gerente típico ou um relator de história de vida. A escolha se dá por ele ser um ‘caso extremo’ de relação identidade-trabalho, com em alguém que demonstra um pensamento narrativo e avançadas habilidade para narrar. Assim, o caso foi escolhido como adequado na busca de ideias sobre o papel das narrativas na construção da identidade laboral.

Durante a análise, foram adotados dois procedimentos: (a) uma leitura cuidadosa ao longo de dois meses e a extração de uma versão muito mais condensada (durante este processo, foram listados temas e categorias que pareceram teoricamente relevantes para o objetivo da pesquisa) e (b) o material foi reorganizado com base nesta seleção de temas e categorias e posteriormente lido e relido à luz da literatura acadêmica para produzir as conceituações e análises apresentadas na pesquisa. Apoiando suas conclusões com trechos da narração de Hilton, o pesquisador apresenta suas contribuições conceituais para o avanço do campo de pesquisa sobre trabalho e identidade: (a) longe de uma construção individual, a identidade se constrói em um trânsito permanente entre a agência individual e o contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido, (b) a construção da identidade laboral esta em permanente trânsito com a construção identitária do sujeito numa perspectiva mais ampla. Assim, a pesquisa ilustra a natureza dual e complexa da identidade e apresenta como as narrativas são capazes de dar acesso a estes processos sem privilegiar um ou outro polo isoladamente. Elas trazem em si, amalgamadas, estas duas dimensões indissociáveis: o dentro (a ação) e o fora (o contexto da ação).

2.3 Método biográfico na pesquisa sobre liderança

Fermeux e Pavageau (2020) investiga a relação entre liderança e trabalho significativo. O objetivo é identificar que dimensões são consideradas pelos líderes com vistas a adotar práticas de liderança que contribuem para trabalho significativo. Foram feitas 42 entrevistas com participantes selecionados em oito programas de desenvolvimento de liderança oferecidos por empresas de coach. Os entrevistados eram um mixto de profissionais que efetivamente atuavam em posições de lideranças e que almejavam ocupar essa posição. O principal critério de seleção dos entrevistados é que todos deviam ser membro de comitês executivos e participar da esfera estratégica da organização em que trabalhavam. As entrevistas foram gravadas, transcritas e verificadas, buscando uma descrição precisa da resposta dos entrevistados. As entrevistas foram divididas em duas fases de pesquisa: exploratória (15 entrevistas exploratórias, com duração entre 30 e 60 minutos) e biográfica (27 entrevistas biográficas, com duração de aproximadamente 105 minutos).

Na fase exploratória, foram feitas perguntas mais genéricas sobre o papel dos líderes e as atividades desempenhadas e, desde já, se revelou a importância da questão do significado dado pelos líderes à sua atividade profissional. Neste estágio, foram identificadas as três principais categorias de significado relacionados aos líderes, aos seus relacionamentos com colegas de trabalho e com a dimensão social do seu trabalho. Neste estágio os pesquisadores perceberam como o uso da história de vida poderia desdobrar estas categorias para subcategorias e elucidar sua dinâmica, tendo em vista que as histórias são verdadeiros repositórios de sentidos.

Na fase biográfica, o número de entrevistas realizadas foi definido pelo princípio da saturação. Quando as informações passaram a se mostrar redundantes o processo de coleta foi concluído. Durante esta fase, os pesquisadores focaram mais no conceito de liderança significativa sem referência a conceitos oriundos da teoria. Era feita uma pergunta aberta: Que significado você dá a seu trabalho como líder? Disponham de outras perguntas para orientar os estimular o rumo do relato, se fosse necessário: ‘Que experiências impactaram sua atividade como líder?’ ‘Como você se descreve como líder?’ Você poderia dar algum exemplo de projetos e práticas como líder?’

Na análise das informações, foi gerada uma lista com categorias mencionadas pelos líderes que posteriormente foi refinada, unificando ou separando categorias para evitar sobreposições ou redundâncias. Esta categorização refinada foi correlacionada pelos pesquisadores com as categorias da base teórica adotada na pesquisa. Do processo, emergiram seis novas dimensões de significado que os líderes dão a sua atividade: exemplo moral, autoconsciência, apoio pessoal e profissional, espírito comunitário, compromisso de trabalho compartilhado e atitude positiva em relação aos outros e eventos.

3. Métodos biográficos na prática de pesquisa em Administração

3.1 Âmbitos

Em algumas pesquisas, pode-se apresentar como relevante definir de forma mais clara que âmbito o método biográfico tomará no contexto de pesquisa. O âmbito podem variar em função das particularidades dos estudos desenvolvidos, bem como das disciplinas e tradições teóricas às quais os estudos se vinculam (ROBERTS, 2002). Proposto pela História Oral (FERREIRA; AMADO, 2009), o método biográfico pode ter três níveis de mobilização na pesquisa, indo do mais amplo ao mais pontual: (a) **disciplina** (método como campo do conhecimento, com objetivo próprio e capacidade de gerar produções teóricas para as questões surgidas na prática), (b) **metodologia** (método como conjunto de procedimentos e preceitos que estruturam e guiam a realização da pesquisa) e (c) **técnica** (método como técnicas de coleta, transcrição e análise de narrativas). Tal escolha se relaciona com a relevância dos princípios do método para o desenvolvimento da pesquisa em questão. Além disso, implica em um maior ou menor comprometimento do pesquisador no seu domínio de seus conceitos e práticas.

Em relação à mobilização de narrativas na pesquisa biográfica, três modalidades se destacam (BOM MEIHY, 1996): a **narrativa como foco** (a vida do sujeito entrevistado se constitui em elemento fundamental para o desenvolvimento da pesquisa), (b) o **tema como foco** (busca-se a narrativa do entrevistado a partir de um assunto específico preestabelecido e a história de vida volta-se para informar a temática central da pesquisa) e (c) a **construção social como foco** (ênfata-se a dimensão mais coletiva que individual, em que a história de vida tem como foco de reconstrução de mitos, tradições ou uma visão de mundo mais comunitária). Tais opções relacionam-se com a disciplina na qual a pesquisa se desenvolve, bem como com seu objeto.

3.2 Procedimentos técnicos de interação com o material empírico: a entrevista biográfica

Em pesquisas biográficas, a entrevista é um procedimento central. Todavia, é possível realizar utilizar o método biográfico sem entrevistas e/ou com combinações de outras fontes, como a observação, documentos (KIM, 2016) e artefatos pessoais, como diários, cartas, fotografias, perfis, currículos, cartões postais, cartões de aniversário, joias, etc. (ROBERTS, 2002). Na entrevista biográfica, o entrevistado conta nas suas próprias palavras suas experiências (ROULEAU, 2015). Ele escolhe contar sobre sua vida vivida, de acordo com o que se lembra e deseja contar, produzindo uma narrativa sobre o conjunto de sua experiência de vida, em que seus aspectos mais significativos são destacados (ATKINSON, 1998). Seu propósito é ganhar conhecimentos sobre a experiência do entrevistado por meio de uma reflexão cronológica (CASSELL et al., 2018), capturando a sequência de acontecimentos relatados pelo pesquisado. Esse tipo de entrevista pressupõe a articulação entre, no mínimo, um entrevistador e um entrevistado, a partir de um processo duplamente interpretativo que explora a construção de sentidos tanto por parte do entrevistado (ao relatar suas experiências de vida e memórias), quanto por parte do entrevistador, ao analisar tais informações com vistas a alcançar seu objetivo de pesquisa.

3.2.1 Planejamento

Quatro aspectos devem ser levados em consideração no planejamento de uma pesquisa biográfica: compreender o papel do entrevistador, definir a estruturação da entrevista, selecionar os entrevistados e atentar para as questões éticas. Quanto ao **papel do pesquisador**, é importante partir da compreensão da entrevista biográfica como um espaço transicional dentro do qual ocorrem processos de autonegociação, nos quais o self inicialmente pode usar scripts previsíveis, refletindo ideologias dominantes, mas que podem vir a ser questionadas dentro do próprio processo de pesquisa. Isto pode ocorrer quando as pessoas se sentem incentivadas a contar suas histórias e realmente se ouvem (MERRILL; WEST, 2009). A entrevista deve ser vista como um processo ativo ao qual é inerente um caráter interpessoal, pois no processo de entrevista, os participantes estão em constante desenvolvimento. O próprio entrevistador não é estático ou predefinido, como uma fonte de informação a ser acessada. Pelo contrário, ele é construído em relação às contingências comunicativas em andamento durante a entrevista (HOLSTEIN, 1995).

Assim, o processo de pesquisa passa de uma subjetividade passiva – que considera o entrevistado como um repositório de dados que deverão ser extraídos pelo pesquisador tal qual já existem – para uma subjetividade ativa – que considera o entrevistado como uma fonte animada e produtiva de conhecimento narrativo (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2012). O pesquisador precisa atentar para a natureza discursiva do processo de entrevista, no qual entrevistador e entrevistado, através de repetidas reformulações de perguntas e respostas, se esforçam para chegar juntos a significados que ambos possam entender, num processo de construção conjunta de sentido (MISHLER, 1986).

Quanto à **estruturação da entrevista**, é importante considerar abordagem e o formato de entrevista a serem adotados, bem como planejar a duração dos encontros e as questões de pesquisa. A abordagem diz respeito a como serão organizadas as entrevistas. Uma abordagem possível é fornecer ao entrevistado uma lista com tópicos a serem abordados, o que pode ajudar o entrevistado a ter uma melhor noção do terreno a ser coberto e a fortalecer a confiança (MERRILL; WEST, 2009). Outra abordagem é conduzir a entrevista de forma mais interativa, estabelecendo uma conversa com o entrevistado (RIESSMAN, 2008).

É corriqueiro organizar as entrevistas biográficas em encontros. Alguns autores propõem, no mínimo, três encontros. Num primeiro, o entrevistador apresenta o objetivo do estudo e começa com uma pergunta única e aberta, estimulando o entrevistado a contar sua história de vida. No segundo encontro, depois uma análise da entrevista do primeiro encontro, o pesquisador pode apresentar questões mais estruturadas, moldadas pelos interesses teóricos da pesquisa. No terceiro encontro as narrativas coletadas nos encontros anteriores podem alimentar uma entrevista ainda mais focada (MERRILL; WEST, 2009). Outra proposta é que no primeiro encontro, o entrevistador parta de uma pergunta base e sem fazer interrupções, deixando o entrevistado ir até não ter mais nada a dizer. Imediatamente depois, ou o mais breve possível, se seguiria o segundo encontro no qual o entrevistador deveria ater-se apenas aos tópicos levantados na narração inicial, seguindo estritamente a ordem em que foram levantadas e usando as palavras do entrevistado na busca de aprofundamento do relato. O terceiro encontro só poderia ser realizado após concluída a análise preliminar do material coletado nos dois encontros anteriores. Este encontro seria livremente conduzido à luz do objetivo de pesquisa e de questões teóricas, sem se restringir ao que foi relatado pelo entrevistado (WENGRAF, 2001).

Existem propostas que englobam apenas dois encontros. No primeiro, fase de narração, o entrevistador restringe suas intervenções ao mínimo enquanto o entrevistado narra completamente os eventos e experiências de sua própria vida. Esta narrativa não é interrompida por perguntas, mas pode ser incentivada por expressões não-verbais de interesse e atenção. A ideia é deixar a entrevista seguir seu curso naturalmente para abarcar tudo o que o entrevistado deseja cobrir de sua vida. No encontro de narração, o principal papel do pesquisador é o de um

ouvinte e observador. No segundo encontro, fase de conversação, passa-se a um processo de entrevista detalhado composto por perguntas e respostas. O pesquisador passa a exercer um papel ativo de co-construtor. Neste encontro, a entrevista ganha um caráter discursivo ou dialógico e envolve a criação de significado (KIM, 2006).

Sobre a duração das entrevistas, comumente a duração é de uma hora a uma hora e meia por encontro, por se tratar de uma duração que ajuda o gerenciamento da quantidade de informações a serem relatadas e analisadas (ATKINSON, 2002). Contudo, a duração da entrevista pode ser muito variável a depender do caráter e das circunstâncias da pesquisa.

Sobre as questões da entrevista, a liberdade narrativa do entrevistado é uma questão central. Todavia, para manter o foco da pesquisa, é possível elaborar perguntas antecipadamente, mantendo-se flexível durante o processo de entrevista. As perguntas mais úteis são as abertas, descritivas, estruturais e de contraste. Construções como “como você descreveria”, “em que essa situação difere das outras”, “qual foi o momento mais memorável” são exemplos de perguntas com potencial de acessar o nível emocional do entrevistado, porque incentivam respostas mais ponderadas e pessoalmente significativas. Outra possibilidade é perguntar a partir de uma sentença explicativa, com a finalidade de contextualizar o entrevistado (KIM, 2016).

Quanto à **seleção dos entrevistados** e a definição da quantidade de entrevistas, a utilização de técnicas de amostragem estatística não indicada. Na pesquisa biográfica, o principal critério de seleção é que as pessoas tenham uma experiência potencialmente rica para compartilhar em relação ao assunto pesquisado (MERRIL; WEST, 2009). Ao invés de critérios quantitativos de verificabilidade e universalidade, as escolhas devem basear-se naquilo que vincula as trajetórias das pessoas entrevistadas ao objetivo da pesquisa, bem como ao procedimento de saturação qualitativa, a partir da análise das informações, para estabelecer o fim do esforço de coleta (MAGESTE; LOPES, 2007). A estratégia da bola de neve (quando um pesquisado indica uma ou mais pessoas com potencial de participar da pesquisa) é comumente utilizada (MERRIL; WEST, 2009) como meio de manter a coerência e diversidade dos entrevistados em relação às suas experiências. Na prática, selecionar os entrevistados trata-se de identificar aqueles que são considerados capazes de produção narrativa (HOLSTEIN, 1995), sem perder de vista que a definição dos entrevistados também está relacionada ao contexto de desenvolvimento da pesquisa, o que envolve seu tempo de desenvolvimento, a quantidade de pesquisadores implicados e o orçamento de pesquisa disponível (MERRIL; WEST, 2009).

Quanto às **questões éticas**, o contato com experiências, perspectivas e sentimentos pessoais podem trazer implicações morais que afetam tanto o papel do pesquisador, quanto o uso das informações coletadas. É dever do entrevistador proteger as informações do entrevistado, considerando seus interesses, direitos e privacidade. Dentro do protocolo ético a ser adotado no planejamento de pesquisa é preciso que tudo seja posto de forma clara ao entrevistado desde o início sobre os objetivos e a agenda do entrevistador para que ele possa saber exatamente o que se planeja fazer com suas histórias. O pesquisador deve estar aberto a negociações, preservando, se necessário, o anonimato do entrevistado e respeitando seu eventual desejo de interromper sua colaboração com a pesquisa (ATKINSON, 1998). Além disso, se alguma situação de poder colocar o entrevistado em uma posição vulnerável, isso pode afetar não apenas a voz em que a história é contada, mas também o impacto que a narrativa tem sobre quem a faz (ATKINSON, 2002). O poder também se apresenta quando o pesquisador define a quem confere voz e a quem cala (HOLSTEIN, 1995), definindo que experiências ou subjetividades são válidas para o estudo. Estas tensões devem ser levadas em conta pelos pesquisadores no momento de planejar sua ação de pesquisa, de modo a identificá-las e considerar seu impacto ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

3.2.2 Processo de entrevista

Durante a interação com o entrevistado, aparecem surpresas e questões que precisam ser levadas em consideração pelo pesquisador.

Apresente sua pesquisa e seja um bom ouvinte. A introdução da pesquisa e de seus procedimentos, com clareza e organização, fornece uma base sólida para o trabalho biográfico (MERRILL; WEST, 2009). Uma escuta atenta e interessada ajudam a criar um laço de confiança com o entrevistado, permitindo o acesso a uma gama mais íntima, detalhada e rica de informações. Uma escuta ativa pode ser demonstrada com contato visual e sons não verbais que indiquem que você está ouvindo (WENGRAF, 2001). A escuta ativa também vem com uma observação aguçada da maneira como o entrevistado fala, o uso da linguagem corporal, expressões emocionais, sentimentos, etc. Por meio desta competência, o pesquisador pode buscar acessar conteúdos mentais, intelectuais, cognitivos e emocionais do entrevistado (KIM, 2016). Permita ao entrevistado o acontecimento de pausas e silêncios. Esta conduta pode estimular o entrevistado a avançar em seu relato, demonstrando uma escuta interessada e ativa do pesquisador que não está apenas ali coletando dados, mas está fazendo da entrevista em um ato reflexivo (ATKINSON, 1998) no qual entrevistado e entrevistador criam sentidos.

Estimule que as respostas sejam formuladas como histórias. Numa entrevista biográfica, as respostas devem se constituir um relato de experiências. Mais importante que perguntar 'por que?' e 'para quê?' é estimular o entrevistado perguntando: 'como isso ou aquilo aconteceu?' ou 'o que aconteceu na sequência?'. As razões, motivações e emoções devem emergir da história narrada na medida em que expõem problemas e possibilidades que não são visíveis quando a atenção é restrita às trocas de perguntas e respostas (MISHLER, 1986). Contar histórias está longe de ser incomum, mas é preciso que o entrevistado tenha espaço para falar. O pesquisador deve se manter em segundo plano, demonstrando atenção e interesse, assim como evitando juízos de valor quanto ao que está sendo exposto. Regras de conversação como pausas, divagações, alternância de fala, retomada de algum ponto específico, esclarecimentos ou reforços necessários, etc. – oportunizam um verdadeiro diálogo entre entrevistado e entrevistador, sem perder de vista a centralidade da voz do entrevistado. No caso da necessidade de uma intervenção verbal, tente usar apenas as palavras do entrevistado, estimulando-o a avançar no seu relato sem interferências excessivas (WENGRAF, 2001). Mais que estimular os relatos a partir da memória, os entrevistadores podem assumir que os participantes serão capazes de reconstruir sua experiência (SEIDMAN, 2019).

Acolha a história como ela se apresenta. Os relatos podem apresentar feições variadas tanto de um entrevistado para outro, quanto em momentos distintos do mesmo entrevistado. Eles podem ser mais ricos (estrutura mais definida com personagens, encadeamento temporal e motivações mais claras, além de foco maior na ação) ou mais fragmentados (múltiplos desdobramentos, vozes em um fluxo de consciência cujo sentido ainda está em gestação) (MUSSON, 1998). É preciso manter-se receptivo em ambas as situações, já que a própria forma do relato carrega em si informações e *insights* valiosos no processo de pesquisa. Técnicas de associação livre, derivadas de ideias psicoterapêuticas, podem ser incentivadas, valorizando a expressão ainda que não haja uma relação lógica ou racional entre o tópico em questão e o que o entrevistado está dizendo. As pessoas podem ser solicitadas a dizer o que lhes vem à mente, o que pode abrir áreas ricas de conexão e investigação (MERRILL; WEST, 2009). Além disso, se emoções fortes surgirem durante a entrevista (ATKINSON, 1998), o pesquisador poderá espelhá-los, dando ao entrevistado a sensação de que você aceita as emoções dele e que elas contribuem para o processo de pesquisa. Uma postura empática e não intrusiva é uma habilidade importante a ser adquirida (WENGRAF, 2001) e que pode levar o pesquisador a acessar informações em profundidade.

Alterne entre guiar e ser guiado. O entrevistador de histórias de vida é uma espécie de guia para a jornada em que entrevistador e entrevistado estão embarcando. Interferir no

momento certo e da maneira certa pode resultar na abertura de ricas veredas. Um bom guia está à procura de sinais que indiquem quando avançar e quando recuar. É necessário sensibilidade para saber a hora de mudar de papel e se deixar ser guiado pelo entrevistado, sendo flexível e permitindo que a pessoa se expresse ou mesmo perseguindo tópicos novos e interessantes (ATKINSON, 1998). É comum que o pesquisador busque ser mais direto na busca de seus objetivos de pesquisa, desprezando os elementos contextuais e emocionais (CZARNIAWSKA, 2002). Mas é preciso entender que a entrevista biográfica baseia-se em uma relação profunda de troca (ATKINSON, 2012).

3.3 Procedimentos analíticos: análise de narrativas

A etapa de análise pode ser dividida em dois momentos: a transcrição e a interpretação. O propósito da transcrição é transformar o tempo de entrevistas gravadas (documento primário) em uma narrativa legível (documento secundário). A tarefa do pesquisador ao transcrever uma entrevista biográfica é contar a história da pessoa com as palavras que ela usou. Trata-se de uma tarefa árdua e demorada que pode assumir diferentes características a depender dos propósitos da pesquisa. Há aquelas que demandam transcrições completas, outras que aceitam transcrições menos detalhadas. Já outras apresentam a transcrição ao entrevistado para que a examine e, eventualmente, a revise. Em seu tempo, a etapa de interpretação consiste em um processo de construção de significado a partir do material coletado em articulação com a base teórica estudada. Estabelecer significado e validade às histórias coletadas depende de alguns fatores: (a) qualidade do relacionamento que o pesquisador tem com o entrevistado, (b) o tipo de interação que existiu durante a entrevista, (c) a perspectiva teórica adotada e (d) a própria subjetividade do pesquisador (ATKINSON, 1998).

Cada disciplina, dentro de suas tradições de pesquisa, tem seu próprio ponto de partida para analisar as histórias de vida, mesmo que o ponto chave seja reconhecer como a estrutura da história e seus elementos (enredo, resolução inicial de confusão, personagens e seus papéis) se encaixam e criam um todo interativo entre si (ATKINSON, 1998). O caráter interpretativo, dialógico e contextual das narrativas são características preponderantes no processo de interpretação do material empírico. Neste sentido, é útil ao pesquisador se acercar a um vocabulário analítico que lhe possibilite começar a enxergar o mecanismo que compõe as histórias de vida, o que pode se dar a partir de diferentes perspectivas. Do ponto de vista das **dimensões das narrativas** as histórias de vida apresentam alguns ou todos os componentes do discurso: **descrição, cronologia, avaliação e explicação** (OCHS, 2001). Os cenários são criados a partir de descrições. Os enredos apresentam uma cronologia linear ou mais complexa de eventos, fornecendo uma explicação do porquê um evento ocorreu em um ponto específico da sequência narrativa. Desde o início, a história é imbuída de uma avaliação moral e estética de ações, emoções, pensamentos e condições mundanas.

Do ponto de vista do **trabalho narrativo**, ou seja, do processo de geração de sentido, podem-se identificar nas histórias de vida os seguintes mecanismos: **ativação, ligação, composição, performance, colaboração e controle** (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2009). A ativação corresponde aos mecanismos interacionais que colocam a narrativa em marcha, tais como as interações entre pesquisador e entrevistado e as circunstâncias nas quais as narrativas são produzidas. A ligação corresponde aos mecanismos de conexão entre eventos ou experiências relatadas criando um contexto particular dotado de um sentido próprio. A composição corresponde aos temas e tramas escolhidos pelo entrevistado para compor a história. A performance corresponde aos mecanismos de mediação cênica das histórias, seus detalhes performativos, papéis, propósitos, audiências, modos de expressão e ênfases. A colaboração diz respeito a como os parceiros de conversação colaboram na produção das histórias e na construção de seus sentidos. Por fim, o controle corresponde às relações de poder que se estabelecem durante a produção narrativa determinando o que é dito e o que não é.

Um novo vocabulário analítico pode ser encontrado se as histórias forem tomadas a partir dos **ambientes narrativos**. Estes são forças sociais que influenciam as identidades dos participantes, o curso das ações, seus relacionamentos e, conseqüentemente, suas histórias de vida. Mais que espaços físicos, estes ambientes correspondem as diferentes escalas de relações sociais, tais como: **relações próximas** (ambientes familiares e relações íntimas); **cultura local** (ambientes de convivência da vida pública); o **status** (ambientes sociais definidos por critérios como a raça, gênero, classe social); **profissão** (formação e atuação profissional); **organizações** (espaços de atuação diversos em que os entrevistados se insiram como clubes, igrejas, agremiações, partidos políticos, etc.) e, por fim, **intertextualidade** (sobreposições e intercruzamento entre estes diferentes ambientes) (GUBRIUM; HOLSTEIN, 2009).

Um novo vocabulário analítico pode ser extraído a partir da observação da **posição que o narrador** ocupa no processo. Aplicando conceitos da narratologia aos Estudos Organizacionais, Hatch (1996) destaca dois conceitos: **perspectiva narrativa** e **voz narrativa**. A **perspectiva narrativa** corresponde à relação entre o narrador e a história, indicando se ela é contada de um ponto de vista interno ou externo. Já a **voz narrativa** descreve a relação entre o narrador e o ato narrativo, identificando se o narrador é ou não um personagem da história. Com base nestes conceitos, o narrador pode ocupar quatro posições distintas: observador objetivo; personagem secundário; personagem principal e narrador onisciente.

Muitas são as vertentes analíticas possíveis para a análise de narrativas, elas variam amplamente entre si e devem ser adotadas pelos pesquisadores em estrito alinhamento com as características da investigação em curso. Alguns exemplos dessas vertentes incluem: análise narrativa temática, análise narrativa estrutural, análise narrativa dialógico-performativa, análise de narrativas sócio interacional e análise narrativa visual.

A **análise narrativa temática** se centra no “que” está sendo dito (ou escrito). O foco da análise está mais naquilo que foi dito que na maneira de dizê-lo. As informações são interpretadas à luz do desenvolvimento temático do investigador (influenciado pelas teorias tomadas a priori ou que emergem na pesquisa, pela proposta de investigação, pelos dados em si, por comprometimentos políticos, etc.) (MAITLIS, 2012). Há pouca atenção ao contexto, às estruturas de discurso escolhidas pelo narrador, a quem o discurso está destinado ou a complexidade da transcrição. A análise narrativa temática é mais próxima aos métodos qualitativos como a *grounded theory*, a análise interpretativa fenomenológica, a história oral e ao folclore (RIESSMAN, 2008).

Na **análise narrativa estrutural**, o foco recai em como o narrador consegue persuadir o ouvinte que algo de fato aconteceu ou como as narrativas são estruturadas para alcançar seu objetivo. O interesse se desloca para o “como”, ainda que, como a tipologia anterior, esta análise esteja concentrada no conteúdo do que é dito. A tradição que orienta esta análise é a narratológica e linguística de base estruturalista, que parte do princípio de que as histórias são estruturadas em seis componentes básicos: resumo (ponto principal da história), orientação (atores, tempo, local e situação), complicação (sequência de eventos), avaliação (significado da narrativa), resolução (resultado) e coda (final e retorno ao tempo presente) (MAITLIS, 2012). Vincula-se também às tradições de disciplinas como teoria literária, semiótica e retórica (CZARNIAWSKA, 2004). Relaciona-se com características que definem os gêneros e as estratégias de estruturação das histórias, podendo gerar um conhecimento que reforça a temática de análise do pesquisador, mas também pode abrir direções inesperadas para a pesquisa. Ela não é adequada para grandes amostras, mas pode ser muito útil para casos de estudo bem detalhados e comparação entre poucos casos. A microanálise que emana da análise narrativa estrutural pode ajudar o pesquisador (a) na construção de teorias que relacionam linguagem e sentido, (b) no entendimento de como os narradores usam o discurso para construir si próprios e suas histórias, e (c) na estruturação da tarefa de convencer e persuadir (RIESSMAN, 2008).

A **análise narrativa dialógico-performativa** é aquela que examina como a conversa entre falantes é interativamente produzida e performada como narrativa. O pesquisador é uma presença ativa e visível na coleta de informações, análise e escrita do relatório. Como o contexto interfere na contação da história e como a história é produzida em um contexto coreográficos (em espaços entre o narrador e o ouvinte, o cenário, a história e a cultura são preocupações deste tipo de análise. Enfatiza-se a importância da interação e o caráter performativo dessa interação, visto que, ainda que a linguagem seja uma via privilegiada de criação das histórias, o corpo e outras vias alternativas de comunicação contribuem significativamente para a construção dos discursos (RIESSMAN, 2008). Incorpora-se elementos temáticos e estruturais, mas acrescenta-se a preocupação sobre como as narrativas são co-construídas entre o entrevistado e o pesquisador, enfatizando a característica interacional e contextual da produção das histórias e da construção de seus sentidos (MAITLIS, 2012).

A **análise de narrativas sócio interacional** pode ser realizada em uma perspectiva em que narrativas são consideradas como práticas, como fala-em-interação, opondo-se a tradições mais debitárias de conceitos estruturalistas (FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008). Esta perspectiva sócio interacional parte do princípio que a narrativa não pode ser descolada de seu contexto de produção. O que é dito e como é dito está intimamente ligado ao contexto, caracterizando a narrativa como uma prática social e não como um ato autônomo e cujo sentido se encerra em si mesmo. Mais uma vez, a interação entrevistado e pesquisador, bem como a interação com o contexto social em que esta interação está imerso, são elementos fundamentais para o processo de análise.

A **análise narrativa visual** trata de uma fronteira emergente da interpretação da pesquisa narrativa, na qual as imagens constituem na principal informação a ser interpretada lado-a-lado às palavras dos criadores destas imagens. Os dados podem ser imagens encontradas (fotografias, pinturas e desenhos) ou imagens feitas durante a pesquisa (autorretratos, vídeo diários, etc.). Examinados conjuntamente com textos falados ou escritos, são informações úteis para estudar a construção, solidificação ou ficcionalização de identidades (RIESSMAN, 2008)

Importante lembrar que as histórias de vida não são a finalidade das pesquisas desenvolvidas por meio do método biográfico, mas constituem meios para que os objetivos de pesquisa sejam alcançados. A investigação narrativa mobiliza as histórias como energia para entender, analisar, avaliar e teorizar os fenômenos humanos e sociais. Assim sendo, é trabalho do pesquisador discutir e teorizar os resultados da pesquisa no contexto da disciplina na qual desenvolve o estudo. Cabe ao pesquisador desenvolver contribuição específica e implicações para seu campo de pesquisa com base nos referenciais teóricos adotados. Só assim, além de uma justificativa pessoal, a pesquisa ganhará valor prático, social e acadêmico (KIM 2016).

4. Discussão e conclusões

Muitos são os desafios que se colocam no caminho dos pesquisadores que aderem ao método biográfico. Conferimos destaque a três deles: o desafio de teorizar, de focar e de respeitar questões éticas.

Desafio de teorizar. O enfoque na história de vida pode encantar o pesquisador e tornar difícil um processo de interação e análise das narrativas de forma a gerar um conhecimento conceitual-teórico que represente uma contribuição efetiva para seu campo disciplinar. A entrevista da história de vida é altamente contextualizada, abordagem altamente personalizada para a coleta de informações qualitativas sobre a experiência humana. Trata-se da busca de articular uma voz com experiências únicas a uma experiência humana universal, fundamentando-se na experiência e na interpretação, dois termos muito relativos (ATKINSON, 2002). Assim sendo, enviesamento (CUNHA et al., 2017) e dificuldades em generalizações (ROULEAU, 2015) são desafios que via de regra se apresentam na utilização do método. São desafios que nascem do próprio princípio construtivista, interacionista, interpretativos e

situacional do método em contraste com a problematização quanto à validade científica da oralidade (ROULEAU, 2015). Em uma primeira instância este desafio se apresenta logo na escolha dos indivíduos cujas histórias serão pesquisadas de modo que possa se estabelecer uma dinâmica adequada entre história individual e o aspecto coletivo. Apesar da justificativa acadêmica (motivo pelo qual a pesquisa contribui para o avanço do conhecimento disciplinar) ser determinante, outras razões podem ser destacadas: pessoal (explicação de por que o estudo é relevante e por que é importante para o pesquisador), prática (explicação de como o estudo informará sobre suas práticas e as práticas de outras pessoas) e social (explicação de como o estudo pode abordar questões sociais maiores)(KIM, 2016).

Desafio de focar. De um ponto de vista micro, Roleau (2015) destaca desafios de ordem procedimentais quanto à aplicação do método biográfico e suas variantes, no que concerne a manter o foco. Em primeira instância, este desafio se apresenta na interação com o material empírico, quando o pesquisador necessita manter a vigilância para manter o foco do entrevistado no relato das experiências que são efetivamente úteis para o alcance do objetivo da pesquisa. Contudo, isso deve ser feito sem ferir a dinâmica própria do fluxo imaginativo e memorial inerente ao método. Em segunda instância, este desafio se apresenta também durante o processo de análise dos dados, tendo em vista que a abundância de informações, demanda do pesquisador o foco no objetivo de pesquisa.

Desafio de respeitar a ética. No método biográfico, a questão ética não é simplesmente obter o consentimento do entrevistado para que sua história seja registrada e analisada, nem somente garantir a confidencialidade e anonimato. A análise narrativa implica extensos compromissos éticos, tendo em vista que o pesquisador que solicita as histórias das pessoas não coleta apenas dados, mas concorda em entrar em um relacionamento com o entrevistado e se tornar parte sua história (FRANK, 2002). Ao contar sua história de vida, uma pessoa se expõe e se apresenta vulnerável de muitas formas distintas (CASSELL et al., 2018), por isso é preciso não perder de vista que existe uma relação de poder entre entrevistador e entrevistado que pode afetar não apenas como a história é contada, mas o impacto do que é dito sobre quem está dizendo (ATKINSON, 2002). A ética também está relacionada ao processo de interpretação das histórias. Ainda que se trate de um método de natureza interpretativa, é necessário um compromisso para que inferências e deduções do pesquisador não deturpem a história de vida contada (CASSELL et al., 2018).

O objetivo da presente pesquisa foi integrar abordagens, consolidar formas de aplicação e discutir sobre as potencialidades e desafios da adoção do método biográfico na pesquisa em Administração, tendo em vista que estes ainda aparecem dispersos, fragmentados e pouco aplicados nas pesquisas desenvolvidas neste campo. Espera-se que as informações aqui contidas auxiliem os pesquisadores em Administração a vislumbrarem os métodos biográfico como uma opção metodológica profícua e preciosa, tendo em vista seu potencial para o estudo de situações organizacionais complexas em que a subjetividade exerça um papel relevante. Como implicação deste estudo, espera-se ainda apontar que a adoção do método biográfico em Administração favorece processos de tomada de consciência, criação de sentido e autorreflexão por parte de gestores quanto a suas práticas e processos, tornando assim o próprio ato de pesquisa uma ferramenta de desenvolvimento do campo da Administração. Tal condição reflexiva se apresenta como um campo farto para o desenvolvimento de novas frentes de pesquisa nesta área.

Referências

ALBERTI, V. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

ATKINSON, R. The Life Story Interview as a mutually equitable relationship. In: GUBRIUM, J. F., HOLSTEIN, J. A., MARVASTI, A. B., MACKINNEY, K. D. (Eds.), **Handbook of Interview Research**. Thousand Oaks: Sage Publications SAGE, 2012, p. 115-128.

ATKINSON, R. The Life Story Interview. In: GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. (Eds.), **Handbook of Interview Research**. Thousand Oaks: SAGE, 2002, p. 121-140.

ATKINSON, R. **The Life Story Interview**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

BOJE, D. M. The Storytelling organization: a study of story performance in an office-supply firm. **Administrative Science Quarterly**, v.36, n.1, p.106-126, 1991.

BOM MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Eds.), **Usos e abusos da história oral**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 183-192.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com Histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n.1, p.11-30, 2012.

CAPPELLE, M. C. A; BORGES, C. L. P.; MIRANDA, A. R. A. Exemplo de Uso da História Oral como Temática Complementar de Pesquisa em Administração. In: ANPAD. **Anais do VI Encontro de Estudos Organizacionais**, Florianópolis, 2011.

CARVALHO, R. O. C.; FISCHER, T. M. Ars Antiqua: Mosteiro de São Bento, o Eterno no Tempo. **Revista de Administração de Empresas RAE**, v.46, n.1, p.14-26, 2016.

CASELL, C.; CUNLIFFE, A. L.; GRANDY, G. Qualitative Research in Business and Management. In: CASELL, C.; CUNLIFFE, A. L.; GRANDY, G. **Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods**. Thousand Oaks: SAGE, 2018, p. 1-14.

COLOMBY, R. K.; PERES, A. L.; TARABAL, F. L.; COSTA, S. G. Histórias de Vida como um caminho metodológico em estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. In: **IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. Porto Alegre, 2016.

CORRÊA, A. M. H.; CARRIERI, A. P. Percurso Semântico do Assédio Moral na Trajetória Profissional de Mulheres Gerentes. **Revista de Administração de Empresas**, v.47, n.1, p.22-32, 2007.

CUNHA, M. P.; LEWIS, M. W.; REGO, A.; SMITH, W. K. Biographical methods in leadership research. In: SCHYNS, B.; HALL, R. J.; NEVES, P. **Handbook of Methods in Leadership Research**. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2017, p. 372-400.

CZARNIAWSKA, B. **Narrating the Organization: Dramas in Institutional Identity**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

CZARNIAWSKA, B. Narrative, interviews, and organizations. In: GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. (Eds.). **Handbook of Interview Research: Context & Method**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2002, p. 733-749.

CZARNIAWSKA, B. **Narratives in social science research**. London: Sage Publications, 2004.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FINA, A. D.; GEORGAKOPOULOU, A. Analysing narratives as practices. **Qualitative Research**, v.8, n.3, p. 379-387, 2008.

FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio, 2009, p. 03-13.

FRANK, W. F. Why Study People's Stories? The Dialogical Ethics of Narrative Analysis. **International Journal of Qualitative Methods**, v.1, n.1, p.109-117, 2002.

FRÉMEUX, S.; PAVAGEAU, B. Meaningful Leadership: How Can Leaders Contribute to Meaningful Work? **Journal of Management Inquiry**, v.13, n.1, p.1-13, 2020.

GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. **Analyzing narrative reality**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2009.

HATCH, M. J. The role of the researcher: an analysis of narrative position in organization theory. **Journal of Management Inquiry**, v.5, n.4, p.359-374, 1996.

HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. **Varieties of narrative analysis**. Los Angeles: Sage Publications, 2012.

ICHIKAWA, E.Y.; SANTOS, L.W. (2003, setembro). Vozes da história: contribuições da história oral à pesquisa organizacional. Trabalho apresentado no Encontro da Associação Nacional de Pós graduação e pesquisa em Administração – EnANPAD, Atibaia, Brasil, 2003.

KIM, J. H. **Understanding Narrative Inquiry: The Crafting and Analysis of Stories as Research**. Los Angeles: Sage Publications, 2016.

LAMBRIGHT, W. H.; QUINN, M. M. Understanding leadership in public administration: the biographical approach. **Public Administration Review**, v.71, n.5, p.782-90, 2011.

LeviLEVI, G. (2009). Usos da biografia. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J.Ferreira, M. M. & Amado, J., **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

LIČEN, N.; CIUHA, S. Learning in Everyday life: towards a new method of researching the field. **Facta Universitatis**, v.11, n.1, p.55-66, 2012.

LIEBLICHieblich, A. (2013). Healing plots: writing and reading in life-stories groups. **Qualitative Inquiry**, vol.19, n. (1), p.46-52.

LOZANO, J. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J., **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MAGESTE, G. S.; LOPES, F. T. O Uso da História de Vida nos Estudos Organizacionais. In: **I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, Recife, 2007.

MAITLIS, S. Narrative analysis. In: SYMON, G.; CASSELL, C. (Ed.). **Qualitative organizational research: core methods and current challenges**. Los Angeles: Sage Publications, 2012.

MERRILL, B.; WEST, L. **Using Biographical Methods in Social Research**. London: Sage Publications, 2009.

MISHLER, E. C. **Research Interviewing Context and Narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MISHLER, E. G. **Research interviewing: context and narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MUSSON, G. Life histories. In: SYMON, G.; CASSELL, C. (Ed.). **Qualitative methods and analysis in organizational research**. London: Sage Publications, 1998, p.10-27.

OCHS, E.; CAPPS, L. **Living narrative: creating lives in everyday storytelling**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

RIESSMAN, C. K. **Narrative Methods for the human sciences**. Los Angeles: Sage Publications, 2008.

ROBERTS, B. **Biographical research**. Buckingham: Open University Press, 2002.

ROULEAU, L. Studying strategizing through biographical methods: narratives of practices and life trajectories of practitioners. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. **Handbook of Strategy as Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, p.462-476.

ROULEAU, L.; BALOGUN, J. Middle Managers, Strategic Sensemaking, and Discursive Competence. **Journal of Management Studies**, v.48, n.5. p.953-983, 2011.

SEIDMAN, I. **Interviewing as qualitative research: a guide for researchers in education and the social sciences**. New York: Teachers College Press, 2019.

WATSON, T. J. Narrative, life story and manager identity: A case study in autobiographical identity work. **Human Relations**, v.62, n.3, p.425-452, 2009.

WENGRAF, T. **Qualitative research interviewing: biographic narrative and semi-structured methods**. London: Sage Publications, 2001.